

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**DANILO DE MAURO PRANDI**

**A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES BRASILEIROS: AS  
CONDIÇÕES DE VIDA DOS VETERANOS**

**Curitiba**

**2013**

DANILO DE MAURO PRANDI

**A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES BRASILEIROS: AS  
CONDIÇÕES DE VIDA DOS VETERANOS**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para a conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

**Curitiba**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família e minha querida avó, pelo suporte e amor durante todo o meu percurso acadêmico e pelo apoio incondicional desde o momento em que decidi cursar História na Universidade Federal do Paraná, amo vocês.

Agradeço imensamente ao meu orientador Prof. Dr. Dennison de Oliveira, o qual fez parte da minha vida acadêmica desde o começo dela, sendo que tive a oportunidade de realizar dois trabalhos de Iniciação Científica e partilhar o interesse por temas comuns. Agradeço ao professor pela orientação, pela dedicação, pela amizade construída ao longo destes anos e principalmente pela liberdade proporcionada ao escolher e trabalhar um tema para a monografia, muito obrigado.

Agradeço aos queridos amigos que fiz para a eternidade durante minha estadia na UFPR, especialmente aos colegas do GRR 2009, um dos melhores GRR que este curso já viu. Não citarei a maior parte das pessoas que estiveram comigo, mais saibam que todas que tiveram presentes na minha vida acadêmica fazem parte de alguma forma da minha formação.

Para as pessoas especiais da minha formação, meu eterno agradecimento, sem vocês jamais estaria me formando. João pelo companheirismo e disputas sadias de rendimento acadêmico, Lucas pela amizade sincera e por ser portador de tamanha intelectualidade, Sellina pelo apoio e carinho. Mestre Antônio Carlos Gonçalves, obrigado por todos os cafés expressos, pelo apoio e pela amizade. Ao querido amigo Flavio Pannuti, obrigado por fazer parte do grupo dos iluministas e por partilhar sua amizade comigo. Chavão, obrigado por existir. Obrigado também aos queridos Guilherme, Weliton e Felipe pelo companheirismo desde o 1º ano de curso.

Obrigado aos colegas de ogrobol e da reitoria, Vágner, Leonardo, Alexandre, Rafael, Rodrigo, Thiago, Felipe, Vivasvan, Pedro, Matheus e os demais que esqueci de citar, as amizades construídas neste curso serão eternas.

*“Se de algum modo eu conseguir chegar em casa novamente, eu prometi a Deus e a mim mesmo que eu iria achar um sossegado pedaço de terra em algum lugar e passar o resto da minha vida em paz.”*

Major Richard “Dick” Winters.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1. A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A PREPARAÇÃO DO BRASIL</b> .....	<b>10</b>
1.1. O Brasil e os prelúdios da guerra.....	<b>10</b>
1.2. A criação da Força Expedicionária Brasileira.....	<b>15</b>
<b>2. A FEB EM TREINAMENTO E EM COMBATE</b> .....	<b>22</b>
2.1. A preparação para o embarque e a chegada na Itália.....	<b>23</b>
2.2. A FEB em ação no teatro de operações.....	<b>26</b>
2.3. O fim da guerra e a desmobilização da FEB.....	<b>31</b>
<b>3. A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES</b> .....	<b>35</b>
3.1. A volta dos soldados brasileiros para casa.....	<b>35</b>
3.2. As associações de ex-combatentes, a Legião Paranaense do Expedicionário e a casa do expedicionário.....	<b>39</b>
3.3. Os questionários sócio-econômicos da Legião Paranaense do Expedicionário.....	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>47</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>49</b>

## RESUMO

A Participação brasileira na Segunda Guerra Mundial é um assunto bastante marginalizado pela historiografia. Esta participação permite diversas análises importantes e relevantes, pois além das peculiaridades do recrutamento dos soldados brasileiros em uma nação na qual não havia uma cultura belicista, vivendo em um contexto de extremas necessidades sociais e da ação dos pracinhas no teatro de operações da Europa, um grande problema surge para todos os países que participaram do maior evento bélico da humanidade, a reintegração social dos combatentes. Como reinserir na sociedade aqueles foram retirados da mesma para serem treinados para combater? Ainda no caso brasileiro, como lidar com os ex-combatentes que já foram recrutados em condições sociais precárias, dentro de uma sociedade que não possuía uma cultura de guerra e que precisariam mais do que nunca de políticas assistenciais para poderem voltar à vida em sociedade? Os ex-combatentes brasileiros, conforme fica evidente nas fontes, foram marginalizados em seu retorno e sofreram com graves problemas, principalmente de saúde e financeiro, tendo uma condição de vida árdua no pós-guerra diante da incapacidade de planejamento do país para receber os soldados novamente e pelas falhas na aplicabilidade das leis existentes que deveriam amparar o ex-combatente brasileiro da Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial – Força Expedicionária Brasileira – Reintegração Social

## INTRODUÇÃO.

O presente trabalho busca compreender a volta dos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial para o Brasil, como se deu a árdua reintegração social destas pessoas e como eram suas condições de vida no pós-guerra. Para realizar esta pesquisa, foi utilizado como fonte um questionário sócio-econômico realizado pela Legião Paranaense do Expedicionário no ano de 1973, a qual enviou este questionário para os ex-combatentes residentes no Paraná, no intuito de sistematizar as informações sobre os mesmos. A Legião recebeu mais de 750 questionários respondidos, obtendo uma vasta quantidade de informações sobre as condições dos veteranos de guerra brasileiros, sendo de extrema relevância para os estudos do tema, pois nestas fichas encontram-se, além dos dados de identificação do veterano de guerra, informações altamente valiosas, dentre estas, incluem-se nome, filiação, data de nascimento, profissão, local de trabalho, valor dos vencimentos que recebe, se contribui para a previdência social, se tem casa própria, quando e a que unidade foi incorporado ao exército, qual unidade serviu na FEB, sob qual posto serviu, se foi condecorado, se está registrado na LPE, se requereu reforma, nomes da esposa e filhos e, finalmente, o mais importante: quais dificuldades enfrenta no momento?

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial é um assunto bastante marginalizado pela historiografia assim como nos meios de ensino, incluindo as escolas e os materiais didáticos que nelas são utilizados. A mídia brasileira também nunca se interessou pelo assunto, visto que as produções audiovisuais sobre o tema restringem-se, em sua grande maioria, a documentários independentes. O tema da reintegração social do ex-combatentes é muito caro aos pracinhas e seus familiares, sendo assim, muitos dos estudos existentes sobre o tema são feitos em cima dos relatos dos ex-combatentes sobre o retorno da guerra. No entanto, respaldar as pesquisas em memórias publicadas, depoimentos orais, depoimentos e publicações familiares a respeito do assunto, requer muito cuidado, pois a memória também passa por um processo de construção.

Conforme relata o autor Dennison de Oliveira<sup>1</sup> (2013) em seu artigo sobre a desmobilização da Força Expedicionária Brasileira<sup>2</sup>, os recentes estudos sobre a

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais. Professor Associado II, filiado aos programas de graduação e pós-graduação em história da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

reintegração social dos ex-combatentes brasileiro depois da Segunda Guerra Mundial, têm se voltado a panoramas mais gerais, como aplicabilidade de leis de amparo aos veteranos de guerra e o envolvimento político das associações de ex-combatentes. Estes trabalhos foram responsáveis por levantar diversas questões extremamente relevantes para os pesquisadores do tema. É importante ressaltar o trabalho, que talvez seja o mais importante existente até o momento, do autor Francisco César Alves Ferraz<sup>3</sup>: “A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)” (2012), que traz um panorama amplo e complexo muito importante dos fatos mais relevantes para a compreensão da reintegração social dos ex-combatentes, discorrendo sobre o contexto da entrada do Brasil na Segunda Mundial, a formação da FEB, a atuação na Itália, o retorno e a batalha da reintegração social de forma bastante abrangente, sendo de muito auxílio para a presente pesquisa. Outros trabalhos importantes seguem uma linha parecida, tal como a tese de doutorado da autora Carmen Lúcia Rigoni<sup>4</sup>, “Diários de Guerra: Memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945)”.

As fontes legadas pela Legião Paranaense do Expedicionário trazem a oportunidade de uma pesquisa empírica, sendo possível sumarizar aquilo que estava sendo almejado pelos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, com estas fontes é possível fazer uma análise mais íntima do texto e evitar as grandes generalizações.

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial apresenta características únicas, principalmente pelo fato de que a última memória de guerra para o povo brasileiro havia sido 70 anos antes do início da Segunda Guerra Mundial com a Guerra do Paraguai, o anúncio da entrada do país no maior conflito bélico demandou práticas emergenciais para ser possível construir a tempo um Corpo Expedicionário e combater fisicamente no teatro de operações. No entanto, o Brasil não precisava somente preparar uma unidade de combate, precisava preparar a nação para a guerra, fato que vai

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Dennison de. Custos humanos da desmobilização da força expedicionária brasileira (FEB): A Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e os feridos, doentes e mutilados da Segunda Guerra Mundial (1947-1956). Vozes, Pretérito & Devir, v. 1, p. 165-166, 2013.

<sup>3</sup> Doutor em história pela USP e professor da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>4</sup> Doutora em História pela UFSC.

demonstrar toda a falta de estrutura e escancarar as políticas coronelistas e clientelistas vigentes no Brasil há muitos anos. Todos esses fatores vão impactar fortemente no pós-guerra no processo de reintegração dos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, pois assim como o Brasil não possuía uma estrutura para enviar combatentes para a guerra, também não planejou e não estruturou o país para o retorno destes soldados que, em sua maioria, deixaram a vida civil para ir combater em uma guerra por ideais de democracia e liberdade que no momento não existiam no país, que vivia sob a ditadura de Getúlio Vargas.

Esta pesquisa foi estruturada em três partes, pois antes de analisar diretamente as fontes da Legião Paranaense do Expedicionário, é necessário ressaltar os aspectos que permearam a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, pois só assim é possível compreender o processo de reintegração social dos ex-combatentes.

No primeiro capítulo, este trabalho irá abordar o contexto brasileiro antes de anunciar sua entrada formal na Segunda Guerra Mundial, a conturbada formação da Força Expedicionária Brasileira e a preparação do Brasil para a guerra, visto que seria necessário criar estruturas novas para que fosse possível a participação física brasileira no conflito bélico.

O segundo capítulo deste trabalho irá analisar a formação da FEB como uma unidade de combate, o seu treinamento, sua estruturação para que enfim fosse possível o embarque para a Itália. Neste capítulo, serão analisados também alguns aspectos relevantes sobre a atuação brasileira na guerra, sem aprofundar-se na relevância desta participação dentro do panorama geral da Segunda Guerra Mundial, mas destacando alguns aspectos importantes e focando-se no final do conflito, que culminou na imediata desmobilização da Força Expedicionária Brasileira.

O terceiro capítulo busca compreender o processo da volta dos combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, quais foram as políticas implantadas para que se desse o processo de reintegração dos soldados brasileiros na vida civil e de que forma estes soldados passaram a se organizar para buscar seus direitos, para enfim poder analisar os questionários sócio-econômicos enviados pela LPE em 1973 para os ex-combatentes residentes no Paraná e compreender as condições de vida em que se encontravam esses veteranos.

# **1. A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A PREPARAÇÃO DO BRASIL.**

Neste primeiro capítulo serão analisados alguns aspectos que permearam a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Para compreender o processo de reintegração social dos ex-combatentes brasileiros no pós-guerra é necessário visitar os processos que levaram o Brasil a entrar no conflito bélico e compreender como foi a conturbada preparação da Força Expedicionária Brasileira, pois todos estes eventos vão influenciar diretamente no processo de reintegração social dos ex-combatentes brasileiros.

## **1.1 - O BRASIL E OS PRELÚDIOS DA GUERRA**

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial apresentou características especiais e únicas em relação aos outros países que participaram da mesma Grande Guerra. A sociedade brasileira não conhecia a guerra de fato, a memória mais próxima de participação ativa do exército brasileiro em um conflito armado contra outra nação, A Guerra do Paraguai, era de quase 70 anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, sendo que o exército brasileiro, neste intervalo de tempo, foi majoritariamente utilizado para suprimir revoltas e questões internas do país, tais como a Guerra de Canudos e a Guerra do Contestado.

Em 01 de setembro de 1939, o Exército alemão invade a polônia sendo o estopim para o início da Segunda Guerra Mundial, a maior guerra que a humanidade já vivenciou. A Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, mas não enviaram forças expedicionárias para o combate físico, esta primeira parte da guerra estava focada em um bloqueio marítimo britânico contra a comercialização de produtos importantes para os inimigos<sup>5</sup>. Apesar do Brasil só ter declarado guerra contra o Eixo em 1943, o país já estava envolvido de certo modo no conflito desde esta primeira parte da guerra<sup>6</sup>, pois estava ligado ao fornecimento dos produtos estratégicos para a guerra.

Durante o estouro da guerra na Europa, o Brasil vivia, desde 1937, sob a ditadura de Getúlio Vargas, época conhecida como Estado Novo. O governo Vargas

---

<sup>5</sup> HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos : o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. p.46.

<sup>6</sup>FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.11.

preocupou-se em investir pesadamente no setor industrial, visto que o Brasil era essencialmente uma sociedade agrícola. Durante este período, foram criadas diversas companhias, tais como a Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica Nacional<sup>7</sup>. Desde o início da guerra em 1939, o Brasil era conhecido por ser um país “neutro”, inclusive tendo a Alemanha como um grande parceiro econômico. A constituição de 1937, a qual possibilitou a ditadura Vargas, era formada por elementos “fascistas”, e surgiam cada vez mais rumores de que Vargas era um governante que flertava com o fascismo. Os germânicos acenaram com a possibilidade de fornecer armamento e ajudar o Brasil a construir a siderúrgica em troca da exclusividade de fornecimento de materiais de guerra. Os norte-americanos, que no momento possuíam um congresso avesso a guerra, viam as negociações com muito temor<sup>8</sup>. Internamente, o Brasil também estava dividido, alguns apoiavam o acordo comercial com os alemães, outros, tais como Osvaldo Aranha, defendiam uma aliança com os Americanos<sup>9</sup>.

O Presidente Getúlio Vargas via-se diante uma complexa relação de forças, tanto internas quanto externas, sendo que nesta última, Vargas manteve um jogo pendular entre as pressões dos Estados Unidos da América e da Alemanha, sabendo que mais cedo ou mais tarde, no entanto, teria que definir seu real apoio e se posicionar diante do conflito mundial<sup>10</sup>.

Após um discurso polêmico de Getúlio Vargas em 11 de junho de 1940, o qual foi entendido como um apoio aos regimes fascistas da Europa, os norte-americanos decidiram agir e em setembro de 1940, Brasil e Estados Unidos da América fecham um acordo que liberava 20 milhões de dólares imediatamente, sendo que viriam ainda mais 20 milhões posteriormente, para que se construísse a já citada siderúrgica<sup>11</sup>. Dois meses antes deste acordo, em julho, os países americanos declaravam que toda agressão a qualquer país americano seria uma agressão contra a América inteira. Assim sendo, o ataque a Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941, tornou-se mais uma grande

---

<sup>7</sup> RIGONI, Carmen Lucia. *Nas trilhas da Segunda Guerra Mundial : as experiencias, as vivencias e os sentimentos do soldado brasileiro*. Curitiba : Torre de Papel, 2001. p.36.

<sup>8</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2005. p. 16.

<sup>9</sup> *Idem*, p.17.

<sup>10</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.47

<sup>11</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2005.p.19.

pressão para que o Brasil tomasse partido e entrasse na guerra ao lado dos aliados<sup>12</sup>, mas ainda não o suficiente para que o Brasil declara-se guerra.

A aliança com o Brasil era muito cobiçada no contexto da Segunda Guerra Mundial por diversos motivos. A política Norte-americana do *Big Stick* foi sendo substituída gradualmente por uma política diplomática que não almejava mais a intervenção armada e que deveria ir além de aspectos diplomáticos e econômicos, mas também abranger o aspecto cultural<sup>13</sup>. As íntimas relações entre Brasil e Estados Unidos teve como um de seus pilares mais fortes a política de Boa Vizinhança, que vinha sendo adota já há algum tempo, inclusive com a vinda do visionário Walt Disney, que criou o personagem “Zé Carioca” em 1941, além de programas de intercâmbios culturais e científicos. O nordeste brasileiro chamava muita atenção dos Estados Unidos da América, pois era uma região de extrema importância estratégica, sendo o ponto de distância mais curto para se atravessar o Atlântico rumo à guerra. Paulatinamente, a presença de aeronaves norte-americanas foi crescendo no Norte e Nordeste do Brasil, colocando em xeque a neutralidade brasileira<sup>14</sup>.

Depois do ataque de Pearl Harbor, os países latino-americanos romperam relações com o Eixo, as autoridades alemãs avisaram que tal ação seria considerado um ato de hostilidade contra a Alemanha e assim aconteceu, no dia 15 de agosto de 1942 um navio alemão afunda um navio mercante brasileiro, sendo que a Alemanha continuou atacando o litoral brasileiro afundando outros navios, provocando centenas de vítimas fatais. Getúlio Vargas, diante de pressões externas e agora também internas, pois a população estava revoltada e cobrava uma atitude do presidente para se posicionar diante do conflito, no dia 22 de agosto de 1942 declarou estado de beligerância contra a Alemanha e Itália e em 31 de agosto declarou formalmente guerra contra o Eixo<sup>15</sup>.

“Houve uma sucessão de torpedeamento de navios nossos e o povo nas ruas exigia uma reparação a essa agressão totalmente descabida, com perdas inúmeras de vidas valiosas, vidas brasileiras.” (Brigadeiro Neiva)<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> RIGONI, Carmen Lucia. 2001. p.37.

<sup>13</sup> FERRAZ, Francisco César Alves 2005. p. 29.

<sup>14</sup> *Idem.*, p.38.

<sup>15</sup> *Idem.*, pp 40-41.

<sup>16</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 3min. 20s

É diante deste panorama que o Brasil teve que criar a Força Expedicionária Brasileira, que teria diferenças estruturais e filosóficas do exército brasileiro vigente, e trazer este conflito mundial de uma maneira palpável para uma sociedade que não era acostumada com situações bélicas, diferentemente de outros países que participaram da Segunda Guerra Mundial e que tinham no seio de suas sociedades uma memória viva e recente do que é estar em estado de guerra.

A Primeira Guerra Mundial deixou muitas sequelas nos países que nela estiveram envolvidas, sendo assim, a busca pelo apoio da sociedade, pelo apoio popular e pelo engajamento voluntário não foi um problema enfrentando exclusivamente no Brasil. As potências envolvidas na Segunda Guerra Mundial criaram um forte aparato propagandístico para justificar a entrada na guerra e para convencer a sociedade sobre a validade de tudo aquilo que envolve os esforços de estar em guerra, como o apoio, o racionamento, o incentivo moral, financeiro e etc.

O uso dos recursos midiáticos, tais como o rádio e o cinema, como um veículo de propagação de idéias, fora usado por diversas potências que estiveram envolvidas na Segunda Guerra Mundial, destacando-se a Alemanha, que através destes diversos recursos midiáticos, incluindo o cinema, sob a supervisão do então ministro do Terceiro Reich Joseph Goebbels, divulgou os ideais nazistas e ajudou a preparar o povo alemão para a guerra. Nos Estados Unidos da América, o diretor de cinema Frank Capra foi contratado pelo próprio governo estadunidense e criou uma série de sete filmes propagandistas *Why We Fight (1942-1945)*<sup>17</sup>, no qual procurava incentivar o povo americano a apoiar, participar e colaborar com os esforços de guerra assim como justificar a presença dos Estados Unidos da América no conflito. O Humor desempenhou também um papel fundamental nas mídias de massa, havendo uma grande circulação de charges e filmes humorísticos sobre a Segunda Guerra Mundial. Walt Disney é o célebre exemplo deste caso, lançando em 1942 *Der Fuehrer's Face*, uma sátira e crítica ao nazismo usando um personagem célebre, Pato Donald. Walt Disney também desembarcou na América do Sul em um esforço para conquistar aliados, criando personagens para vários países da América do Sul em busca de uma

---

<sup>17</sup> ROLLINS, Peter C. & O'CONNOR, John E. *Why we fought: America's wars in film and history*. University Press of Kentucky, 2008. p.15

aproximação com os Estados Unidos da América, neste momento ele cria o personagem Zé Carioca, um personagem simpático e cheio de estereótipos<sup>18</sup>.

O governo brasileiro também se utilizou dos aparatos midiáticos para alcançar o povo brasileiro e trazer a sociedade para mais perto do conflito que estava para chegar. Antes mesmo de o Brasil tomar partido na Guerra, o Presidente Getúlio Vargas já sabia da importância e da força da propaganda para a sustentação de um governo, principalmente no caso de uma ditadura, sendo este o caso do Brasil, que estava vivendo desde 1937 sob um regime ditatorial de Vargas. O Estado Novo era marcado por uma intensa personificação da figura de Getúlio Vargas, com políticas internas que flertavam com as práticas fascistas européias, prisões, censuras, autoritarismo político, estas práticas faziam parte da ditadura Varguista.

A propaganda foi um pilar fundamental na sustentação da ditadura Vargas, foi neste contexto que o presidente criou o Departamento de Imprensa e Propaganda, conhecido como DIP. Através do DIP, o governo de Vargas pode organizar meios de expandir e massificar as ideologias estadonovistas, tais como a figura de Getúlio Vargas como sendo o “Pai dos Pobres”, o pai que ama, mas também disciplina. O uso do rádio foi de extrema importância para o governo disseminar seus ideais com discursos doutrinários e nacionalistas, introjetando o sentimento de dever cívico e os ideais de nação nesta sociedade brasileira, que era uma sociedade majoritariamente rural, espalhada neste país de proporções continentais. No entanto, a ação do DIP não ficou restrita ao rádio, pois este órgão influenciava também nos espetáculos teatrais, no cinema, nas confecções de cartazes, livros, enfim, nos diversos meios de cultura e arte. A difusão de símbolos foi intensa durante o Estado Novo, diversas passeatas pelo país para demonstrar a autoridade e a ordem. As escolas eram um alvo importante, símbolos dentro das salas de aula buscando enaltecer a figura de Getúlio Vargas como um grande líder da nação, mudanças curriculares que iam de encontro aos ideais de organização social do Estado Novo<sup>19</sup>, tais como as Leis Orgânicas do Ensino<sup>20</sup>, foram algumas dentre diversas medidas tomadas pelo governo de Getúlio Vargas.

---

<sup>18</sup> TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000

<sup>19</sup> - O **Decreto-lei 4.048**, de 22 de janeiro, cria o **Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI**.

- O **Decreto-lei 4.073**, de 30 de janeiro, regulamenta o **ensino industrial**.

## 1.2 - A CRIAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.

No entanto, apesar de todo aparato de propagando existente no Estado Novo, é questionável a noção de que até que ponto todos esses esforços influenciaram a formação da Força Expedicionária Brasileira e também na construção do sentimento de dever civil na sociedade brasileira para com a guerra, pois haviam muitas pessoas dentro da FEB contrárias a figura de Vargas, lembrando sempre da ironia de lutar na Europa pela democracia enquanto o Brasil vivia sob uma ditadura. Havia muita desconfiança sobre a participação brasileira na guerra, tanto na sociedade civil como entre os militares. Os ideais da importância da luta pela liberdade na Segunda Guerra Mundial não era inato, o abundante número de pessoas convocadas oriundas das classes médias e da elite brasileira que usaram de todos os meios possíveis para escapar da seleção e a insatisfação de membros da FEB sobre os ânimos dos soldados na guerra, não permite afirmar com total certeza que a criação da Força Expedicionária Brasileira foi resultado de uma luta interna no país pela democracia juntamente com a comoção popular pelo torpedeamento dos navios brasileiros pela Alemanha<sup>21</sup>. Surgiam também boatos de que o torpedeamento dos navios brasileiros havia sido feito pelos Estados Unidos da América em uma manobra para forçar a entrada do Brasil no conflito e mostrando os perigos de uma aproximação com este país imperialista com profundos interesses econômicos no Brasil.

Os motivos que levaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial foram diversos. Entre os dias 15 e 19 de agosto de 1942, seis navios brasileiros que realizavam a navegação costeira, foram atacados por submarinos alemães, quase 600 brasileiros morreram nestes ataques. A origem destes navios é algo que chama atenção, um dos navios embarcava 250 militares que estavam dirigindo-se para o nordeste com o objetivo de aumentar a segurança da região diante do perigo de uma invasão, ao mesmo

---

- O **Decreto-lei 4.244**, de 9 de abril, regulamenta o **ensino secundário**.

- O **Decreto-lei 4.481**, de 16 de julho, dispõe sobre a obrigatoriedade dos estabelecimentos industriais empregarem um total de 8% correspondente ao número de operários e matriculá-los nas escolas do **SENAI**.

- O **Decreto-lei 4.436**, de 7 de novembro, amplia o âmbito do **SENAI**, atingindo também o setor de transportes, das comunicações e da pesca.

- O **Decreto-lei 4.984**, de 21 de novembro, compele que as empresas oficiais com mais de cem empregados a manter, por conta própria, uma escola de aprendizagem destinada à formação profissional e a seus aprendizes.

<sup>20</sup> ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, *História da Educação no Brasil*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>21</sup> Francisco César Alves. 2012. p. 49

tempo outro navio que foi atacado estava levando uma legião de fiéis para um congresso eucarístico que iria ser realizado em São Paulo<sup>22</sup>. A sociedade brasileira foi para a rua cobrou medidas rápidas após o torpedeamento dos navios brasileiros, a neutralidade pretendida e mantida por Getúlio Vargas nos primeiros anos de conflito entrou em xeque até o momento em que uma decisão não podia ser mais adiada. No dia 22 de agosto de 1942 declarou estado de beligerância contra a Alemanha e Itália e em 31 de agosto declarou formalmente guerra contra o Eixo. No entanto, havia um longo caminho para percorrer entre declarar guerra contra os inimigos e possuir uma estrutura para enviar um contingente para o teatro de operações, visto que o país sofria de diversas carências, sendo a situação do exército brasileiro uma delas.

O governo brasileiro tinha um interesse especial pelo teatro de operações no Norte da África, no entanto após reuniões entre Brasil e Estados Unidos da América e diversos debates sobre a possibilidade de enviar um contingente efetivo para o conflito, ficou acertado que o Brasil iria enviar para a Europa um Corpo Expedicionário que devia ser composto por três divisões de Exército uma divisão de Força Aérea, buscando um total de efetivo de aproximadamente 60 mil homens, lembrando que este Corpo Expedicionário seria equipado e treinando pelo exército norte-americano e também a ele seria subordinado no teatro de operações.

O exército brasileiro era carente em diversas áreas, possuía um contingente pequeno, um efetivo de aproximadamente 95 mil homens, havia deficiências de equipamentos, armas, logística, comunicação e etc.<sup>23</sup>. Assim que foi autorizada a mobilização gradual do Exército, o efetivo foi aumentado de 95 mil homens para 165 mil, usando-se dos conscritos dos anos de 1941,42 e 43, assim como os reservistas que foram convocados<sup>24</sup>. No entanto, o que chama atenção foi a baixíssima quantidade de voluntários que se apresentaram para lutar na guerra. Após o anúncio da entrada do Brasil na guerra, começou uma massiva divulgação da Campanha de Alistamento Voluntário utilizando-se de todo aparato midiático já consolidado e muito usado pelo Estado Novo, como o rádio, cartazes, cinejornais, na busca de disseminar a importância da participação brasileira na guerra na luta contra o nazi-fascismo, o dever civil, o sacrifício em nome da liberdade e em defesa da pátria amada. A campanha foi um

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Dennison de. *Os Soldados Alemães de Vargas*. Curitiba, Juruá, 2008.

<sup>23</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2005. p.44.

<sup>24</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p.53

fracasso, apenas cerca de 2700 jovens brasileiros se apresentaram para o serviço voluntário e destes, somente cerca de 1500 foram julgados aptos e foram incorporados no Corpo Expedicionário.

Juntamente com este fracasso da Campanha de Alistamento Voluntário, outro grande problema surgiu, que desmoralizou a FEB e traria mais tarde problemas na reintegração social dos pracinhas, o apadrinhamento de membros da classe média e da elite brasileira para escapar dos deveres militares, era visível que a juventude escolarizada nutria um grande apreço em fazer discursos em apoio à guerra, mas não se apresentava para participar desta luta, o mesmo reflexo se viu na imensa quantidade de pedidos de dispensa recebidos pelo Ministério da Guerra, pois esses pedidos eram oriundos do pessoal mobilizado instruído, enquanto o pessoal sem grau de instrução permanecia mobilizado para partir para a guerra<sup>25</sup>.

Em pouco tempo ficou claro que o objetivo primário brasileiro de enviar um Corpo Expedicionário composto por dezenas de milhares de combatentes para o teatro de operações na Europa era inviável, assim sendo, em novembro de 1943 foi criada então a Força Expedicionária Brasileira, que seria composta por uma divisão de exército e um grupo de caça da Força Aérea Brasileira, a FAB. A nova organização tinha ambições muito menores do que as previstas no Corpo Expedicionário, mas isso não foi suficiente para evitar os problemas que ainda eram muitos. Diversos oficiais do alto escalão das forças armadas estavam descrentes da atuação brasileira na Segunda Guerra Mundial e não tinham interesse em assumir o comando da FEB para não manchar suas carreiras militares, de acordo com o autor Francisco Ferraz, a escolha do comandante da Força Expedicionária Brasileira foi feita por critérios predominantemente políticos e pessoais por parte do presidente Getúlio Vargas, que escolheu o General João Batista Mascarenhas de Moraes, um militar que era avesso à política. No entanto, Estado-Maior da FEB foi formado por oficiais escolhidos por Dutra e não pelo General Mascarenhas, fato que gerou descontentamento por parte do General que afirmou que muitas pessoas do alto escalão usaram de processos para atrapalhar a formação e a atuação do exército brasileiro na luta contra o nazi-fascismo<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*

<sup>26</sup> *Idem*, p.54

Além dos problemas institucionais, políticos e de recrutamento, havia outro grande obstáculo na preparação da FEB, o total despreparo das Forças Armadas brasileiras de forma generalizada. O Exército brasileiro funcionava aos moldes do Exército Francês pois havia sido modernizado pela Missão Militar Francesa, no entanto este modelo ficou totalmente ultrapassado no hiato de tempo entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda Guerra Mundial. Este tipo de exército era caracterizado por uma rigidez disciplinar vertical, com táticas e planejamento defensivos, guerra de posição, trincheiras, assim como havia sido a atuação francesa no primeiro conflito mundial, no entanto as grandes potências militares mudaram consideravelmente, a França e, muito menos, o Brasil não acompanharam estas mudanças.

O novo tipo de guerra de intensa movimentação, combinação e integração de forças aéreas, terrestres e marítimas, juntamente com o apoio de divisões de artilharias e blindados, conhecido com “*Blitzkrieg*” (Ataque relâmpago), era muito superior ao estilo de guerra que foi travada no primeiro conflito mundial, fato comprovado pela facilidade com que Adolf Hitler e seu exército alemão em capitular o exército francês e invadir as linhas defensivas francesas, apesar do Exército da França possuir divisões de blindados e uma força aérea, a *Blitzkrieg* foi avassaladora e em algumas semanas a França assinou sua capitulação na Segunda Guerra Mundial. Todos esses problemas institucionais, políticos, de formação da FEB, do descompasso tecnológico e estrutural em relação aos outros exército, criaram muitas expectativas negativas dentro das Forças Armadas Brasileiras e também em parte da sociedade da brasileira, que não via chance de sucesso de uma tropa tão desprepara diante de exércitos veteranos, bem equipados e bem treinados, ser um combatente da FEB passou a ser visto por muitos como um castigo e não como honra ou glória, estes sentimentos que terão forte influência mais tarde no processo de volta dos pracinhas do teatro de operações na Europa.

Em Dezembro de 1943, o General Mascarenhas de Moraes e outros oficiais partem para o teatro de operações dos Aliados para fazer observações, recolher informações sobre a guerra, sobre o inimigo, para melhor direcionar e planejar a estruturação da Força Expedicionária Brasileira, lembrando que neste momento é necessário um estreitamento entre a relação do alto escalão brasileiro com os norte-americanos, visto que a FEB seria treinada por eles.

Em três artigos, publicados pelo jornal Folha Manhã no dia 14 de dezembro de 1943, são relatados as seguintes notícias:

***Encontram-se na África do Norte vários oficiais das forças armadas brasileiras.***

***Q.G. ALIADO NO NORTE DA ÁFRICA, 13 (r.)*** - *Oficiais brasileiros estão atualmente na África do Norte, como núcleo preparatório para a chegada de uma força expedicionária brasileira a este teatro de operações.*

*A comitiva brasileira é chefiada pelo general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.*

***Em Argel os oficiais generais Mascarenhas de Moraes e Teixeira dos Santos.***

***Argel, 13 (U.P.)*** – *O general brasileiro Mascarenhas de Moraes e o brigadeiro-general Teixeira dos Santos chegaram a esta cidade à frente da missão militar, aeronáutica e médica brasileira que deverá conferenciar com os membros do Estado maior aliado e, em seguida, visitar a frente de batalha da Itália.*

*Acompanham a missão brasileira vários oficiais norte-americanos, inclusive o capitão Walter Vernon e o tenente-coronel Gilett. A missão foi recebida aqui ontem pelo General Smith. Chefe do estado maior do General Eisenhower.*

***Fortalecido a colaboração brasileiro-estadunidense.***

***Washington, 13 (r.)*** – *O secretário de Estado Sr. Cordell Hull, declarou hoje em entrevista à imprensa que as íntimas relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América serão cimentadas ainda mais com a participação ativa de força na Guerra Européia.*

*Esperamos o momento – acentuou – em que tropas brasileiras estarão servindo ombro a ombro com as nossas, da mesma forma que as suas unidades aéreas e navais estão cooperando íntima e eficazmente no Atlântico Sul contra a atividade submarina. A tradicionalmente íntima colaboração entre o Brasil e os Estados Unidos da América, nas esferas diplomáticas e política somente poderá ser fortalecida pela colaboração armada pela qual ambas as nações estão empenhando todos os seus esforços<sup>27</sup>.*

Diante de um curto espaço tempo, a FEB começa o seu traumático processo de seleção para formar o contingente necessário para enviar ao conflito. Era certo que a situação do exército era precária. Após a missão, o Ministério de Guerra começou o

---

<sup>27</sup> Estes artigos, juntamente com outros artigos veiculados nos jornais sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, podem ser encontrados no Acervo Folha, um acervo digital de alguns jornais da época, neste site: <http://acervo.folha.com.br/fdm>

recrutamento intensivo por todo país, ou seja, as forças expedicionárias brasileiras seriam formadas por homens de todos os cantos do Brasil. Os convocados teriam que passar por um exame médico físico e psicológico durante a seleção, ressaltando condições sociais no Brasil, seria uma tarefa árdua achar homens que seriam de fato aptos para entrar na FEB.

De certa maneira, é possível afirmar que o material humano do Exército brasileiro era quase um reflexo da sociedade brasileira. Os soldados eram em sua maioria pessoas pobres, com problemas de saúde, analfabetos, muitos estavam no exército pela garantia de um emprego, de uma refeição ou de um lugar para morar. Os quartéis apresentavam péssimas condições de estrutura e higiene, o soldo era baixo e a relação interna era extremamente patriarcal, as relações entre oficiais e praças remetiam a memórias de tempos de servidão e a disciplina era extremamente rigorosa. Tais características faziam com que muitas pessoas olhassem para o exército como um lugar de castigo, um local onde recrutados da classe média e da alta sociedade faziam de tudo para escapar. Muitas pessoas cometiam delitos para escapar da tropa expedicionária, com o aumento deste tipo de ocorrências, o exército extinguiu a condição de comportamento para fazer parte da FEB. Este fato fez com que muitas unidades encaminhassem para a Força Expedicionária Brasileira soldados que haviam sido condenados por má conduta e que eram indesejados em suas respectivas unidades. Todos estes fatores dificultavam a já árdua tarefa da busca pelo “cidadão-soldado”, o civil que é recrutado para o serviço militar em um determinado tempo de serviço e após o serviço deve voltar para a vida civil<sup>28</sup>, esta tarefa não foi exclusiva do exército brasileiro, o exército norte-americano também contou com um programa de recrutamento de civis, no entanto já possuíam experiência e estrutura para realizar tamanha façanha. Todos estes fatos, como serão visto mais adiante, vão exercer algum tipo de influência no retorno dos pracinhas para o Brasil.

Os novos exércitos não exigiam somente uma forte estrutura, mas também era necessário ter homens capazes para operar a máquina de guerra e desempenhar as diversas funções existentes. Para poder fazer parte da FEB, alguns pré-requisitos foram colocado: peso mínimo de 60kg, altura mínima de 1,60m, 26 dentes naturais e ter no

---

<sup>28</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. pp.55-60

mínimo 5 anos de escolaridade. As unidades já existentes no Nordeste tinham melhores treinamento e equipamentos do que o resto do país, mas devido a preocupação do Ministério da Guerra em proteger o Nordeste diante do perigo dos submarinos alemães, fez com que a seleção dos convocados se estendesse por todo o país. Em 3 meses, a nomeada Junta Médica deveria escolher dentre 200mil convocados 60 mil para compor o exército desejado, no entanto não havia estrutura e profissionais o suficiente para realizar uma tarefa deste tamanho. Havia um consenso de que todo convocado queria se livrar da guerra e para isso iria simular incapacidades físicas e mentais para escapar, assim sendo muitas pessoas doentes foram selecionadas para o serviço militar. A “fuga” da classe média e da elite brasileira militar, fez com que ficassem ainda mais evidentes as deficiências dos recrutados tanto nos níveis físicos como nos níveis intelectuais. Os primeiros resultados das Juntas Médicas denunciavam o descaso social no Brasil, o número de aprovados era muito menor do que se esperava, a solução foi rebaixar os níveis de exigências.

A 5ª Região Militar era formada pelos estados do Paraná e Santa Catarina, enviou o que seria no total algo em torno de 6,5% dos combatentes, tendo apresentado cerca de 9mil homens para recrutamento. Uma vez que terminaram as seleções, os futuros pracinhas foram reunidos em unidades militares no Rio de Janeiro, para treinamento e para aguardar as ordens de embarque. Além das dificuldades de estarem instalados em lugares precários, havia já uma disputa e muita provocação entre as tropas expedicionárias que ficaram conhecidas como Exército da FEB e as tropas não expedicionárias que ficaram conhecidas como Exército de “Caxias”. Esta diferenciação de exércitos não é meramente ilustrativa ou mero detalhe para diferenciar quem foi para a frente de batalha na Segunda Guerra Mundial na recém formada Força Expedicionária Brasileira e quem ficou no exército de estrutura já existente no Brasil, havia uma grande diferença entre a organização francesa do exército brasileiro e a organização do exército Norte-Americana, a qual a FEB estaria subordinada e logo teria que se entrar em seus moldes.

O choque foi grande, logo no embarque em navios Norte-Americanos os brasileiros já notaram a eficiência a bordo, o respeito aos horários, higiene, diversos treinamentos e etc. O exército Norte-Americano era conhecido por sua meritocracia, no qual o respeito era conquistado, um exército mais horizontal mas sem perder o respeito

e a autoridade, enquanto o Exército de “Caxias” cultuava a hierarquia inata, com a total distinção entre um superior e um subordinado, sendo que tal relação deveria se estender até mesmo fora do quartel.

Tais comportamentos geraram certos constrangimentos e espanto entre os oficiais brasileiros que estavam atrelados ao modo do Exército de Caxias, mas foi muito apreciado pelos pracinhas. Este tipo de atitude do exército estadunidense teve forte influência pelo fato deste exército ser formado também por uma imensa massa de cidadãos-soldados, pessoas que sabiam que a guerra era um ofício temporário e que após ela voltariam para seus trabalhos como um cidadão comum<sup>29</sup>.

## **2. A FEB EM TREINAMENTO E EM COMBATE.**

Neste capítulo o trabalho irá se debruçar nos eventos que contribuíram para a formação da Força Expedicionária Brasileira como uma unidade de combate, o seu treinamento, as dificuldades encontradas pelo soldado brasileiro para se enquadrar no modelo norte-americano de exército e no teatro de operações na Europa, como foi o final da guerra para o Brasil e o início do processo de desmobilização da FEB, buscando demonstrar as influências destes eventos no processo de reintegração social do ex-combatente brasileiro da Segunda Guerra Mundial no pós-guerra.

### **2.1 - A PREPARAÇÃO PARA O EMBARQUE E A CHEGADA NA ITÁLIA.**

*“... Quando o comandante do 15 falou, o nosso comandante do 20 falou, deu impressão que nós ia direto para a guerra, e aquelas moças da Legião Brasileira, colocando as medalhinhas em nós e chorando, foi uma emoção muito grande, ficamos com a garganta seca...olhando ao lado, vendo meus companheiros com lágrimas nos olhos, senti muita falta de minha família, da minha mãe. Para acalmar ela, eu não disse bem a hora em que ia embarcar. Então, senti uma falta imensa e dei graças a Deus de entrar para o trem e partir.” (Aristides Saldanha Vergés, pracinha).<sup>30</sup>*

---

<sup>29</sup> *Idem*, pp. 69-72

<sup>30</sup> C RIGONI, Carmen Lucia. 2001. p.XIX

O depoimento do pracinha Aristides Saldanha Vergés, retrata a simplicidade do soldado brasileiro. A composição do corpo expedicionário brasileiro era um retrato fiel do país, jovens trabalhadores rurais e urbanos, vindos de classes populares, juntamente com alguns membros da classe média e poucos membros da elite, sua escolaridade média era baixa e a compreensão do que de fato era a Segunda Guerra Mundial e as razões de por que lutar nela era, em geral, mínima<sup>31</sup>.

Finalmente, no dia 2 de julho de 1944, no navio USS General Mann, após muitas desconfianças e de muitas descrenças, o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira partiu do porto do Rio de Janeiro rumo à guerra na Europa<sup>32</sup>

As dificuldades para mobilizar a massa humana e criar a Força Expedicionária Brasileira foram muitas, empecilhos e má vontade política, assim como de setores da sociedade que buscaram todos os meios possíveis para escapar da guerra, conflitos, descrenças, falta de preparo, experiência, estrutura, conhecimento e de tecnologia, foram alguns dos obstáculos encontrados na organização da FEB, no entanto, para o bem ou para o mal, distante dos propósitos iniciais, ela estava formada e aguardando o chamado. Os problemas estruturais para criar a FEB refletiram profundamente no treinamento e na atuação do exército brasileiro na Itália, somando-se ainda as outras dificuldades que estavam para chegar.

Conforme já foi relatado, o exército brasileiro seguia os moldes do exército francês, mas seria equipado, treinado pelo exército estadunidense e a ele subordinado. Não só a filosofia de táticas e de estrutura era diferente, as armas oferecidas pelos norte-americanos eram novas para os brasileiros que precisariam se adaptar a elas. Instrutores foram enviados para o Brasil, mas a linguagem era um entrave agravante, assim como foi para os brasileiros que passaram por treinamento nos Estados Unidos antes de ir para a guerra. Muitos pracinhas receberam treinamento somente quando chegaram no teatro de operações na Europa, fato que acrescentou ainda mais a desconfiança sobre os pracinhas, tanto internamente como também das tropas norte-americanas em relação aos novos aliados.

---

<sup>31</sup> F FERRAZ, Francisco César Alves. 2005. p.49.

<sup>32</sup> *Idem*, p.51

“Os tenentes e seus subalternos, ao receberem suas missões, tinham que se desincumbir a partir da confiança que depositavam nos soldados. Era importante estabelecer laços de amizade com todos aqueles que lutariam lado a lado na guerra, e se certificar que, na hora em que fosse necessário, o treinamento que havia sido investido na tropa resultasse num retorno eficaz dos ensinamentos.

Mas a tradição francesa dentro do Exército Brasileiro havia legado sua marca: dentre os oficiais mais graduados, que estavam servindo por mais tempo, muitos eram extremamente ríspidos com seus subordinados. Os praças recebiam prisões disciplinares pelos motivos mais insignificantes. A alimentação dos cabos, soldados e sargentos era parca e de má qualidade. Os uniformes dos oficiais, vistosos e bem confeccionados, contrastavam com o fardamento dos praças, fabricados de tecidos baratos que se rasgavam e descosturavam com facilidade. Muitos oficiais começaram a se perguntar se seria possível obter um bom desempenho na guerra com os soldados submetidos a tais condições.”<sup>33</sup>

Os brasileiros que tiveram treinamento nos Estados Unidos da América, como foi o caso do 1º Grupo de Aviação de Caça do Brasil, a FAB, logo sentiram o choque de mentalidade em relação aos procedimentos do exército americano, muito diferente daquilo que existia no Brasil, assim como também começaram a sentir o problema das barreiras culturais.

“Era falta do feijão e da castanha...”<sup>34</sup> (Brigadeiro João Miranda)

O rigor em relação aos treinamentos foi logo sentido pelos soldados brasileiros, que dispunham apenas de um curto espaço de tempo para se enquadrar nestes modelos de treinamento antes de embarcar para a Europa e lutar.

“O nosso treinamento foi excepcional porque tivemos um coronel que era rigoroso no vício e disciplina.”<sup>35</sup> (Major da reserva USAF – John Buyers).

“Ele nunca perdeu a oportunidade de nos parar num momento qualquer que a gente começasse a afrouxar. Lembra, os senhores tão treinando pro combate, essa é a última chance que os senhores têm, vamos prestar atenção e vamos levar isso a sério.”<sup>36</sup> (Brigadeiro Rui).

Mesmo após o treinamento com os Norte-Americanos, a chegada dos brasileiros na Itália foi visto com muita desconfiança, principalmente daqueles que não tiveram tempo para o treinamento antes de embarcar. Desde o começo, cada missão seria uma prova de fogo para os brasileiros, pois além de lutar contra o inimigo, tinha que vencer

---

<sup>33</sup> GONÇALVES, José. MAXIMIANO, César Campiani. *Irmãos de Armas: Um Pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005. pp. 34-35.

<sup>34</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 10min.

<sup>35</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 7min.

<sup>36</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 8min.

as deficiências internas da péssima organização do exército brasileiro e provar a cada instante para os Norte-Americanos que os brasileiros estavam lá para fazer a sua parte.

“Quando cheguei fui me apresentar ao Coronel Nielsen, que era o comandante do 350. Aí ele falou em inglês comigo: Esta é a primeira vez que eu tenho meu esquadrão junto em um único lugar. E eu não pedi por esse grupo de sul-americanos. Eu não necessariamente os quero aqui, mas eu não quero nenhum problema com eles. Aí eu retruquei em inglês também pra ele dizendo: Coronel, um dia você terá muito orgulho de ter tido esse esquadrão de caça brasileiro sob o seu comando. Porque você não sabe o que ele são ou como são.”<sup>37</sup> (Major da reserva USAF – John Buyers).

“Na ocasião que eles chegaram havia, naturalmente, um grande questionamento para nós, da mesma forma que seria para qualquer um. Eles estavam vindo novos. Nós não tínhamos nenhuma idéia a respeito da capacidade deles. Sabíamos que eram bem treinados mas não sabíamos que tipo de combatentes seriam. Então guardamos as nossas opiniões e esperamos para ver o que aconteceria.”<sup>38</sup> (Coronel Hugh Dow).

É importante ressaltar que os problemas internos não eram exclusivos ao exército brasileiro entre os aliados. Conforme relatam os autores César Maximiano<sup>39</sup> e Dennison de Oliveira<sup>40</sup>, assim como havia certo desconforto e até mesmo uma ironia pelo fato dos soldados brasileiros estarem lutando na guerra contra o nazi-fascismo e pela liberdade, enquanto o Brasil vivia sob uma ditadura com fortes influências fascistas, os norte-americanos refletiam em seu exército o terrível problema do racismo institucional que permeava os Estados Unidos na década de 40. As forças armadas norte-americanas eram segregacionistas, sendo que havia uma divisão que era formada somente por soldados negros, mas era comandada por oficiais brancos. A 92ª Divisão de Infantaria do exército estadunidense ficou conhecida como a “*Buffalo Division*”, esta tensão racial refletia negativamente no desempenho desta divisão, sendo que os soldados negros que compunham esta divisão eram segregados antes de embarcarem para a guerra, durante a guerra e nada mudaria com o fim dela. Estes autores também chamam atenção para o fato que a Força Expedicionária Brasileira foi, em toda a Segunda Guerra Mundial, a única unidade do exército com integração racial.

No dia 16 de julho de 1944, em Nápoles, o 1º Escalão, que era composto por aproximadamente cinco mil pessoas, desembarcou. Nos meses que seguiram, chegaram

---

<sup>37</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 17min. 30s.

<sup>38</sup> CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. 18min.

<sup>39</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo professor e pesquisador nos programas de pesquisa e pós-graduação do Instituto Meira Mattos da Escola de Comando Estado-Maior do Exército.

<sup>40</sup> Doutor em Ciências Sociais. Professor Associado II, filiado aos programas de graduação e pós-graduação em história da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

na Itália mais quatro escalões, que formariam a Divisão de Infantaria Expedicionária (D.I.E). Esta divisão seria incorporada ao 4º Corpo do V Exército Americano, uma força de combate multinacional, pois além de estadunidenses e brasileiros, ela reunia ingleses, poloneses, canadenses, indianos, neozelandeses, entre outros, todos sob o comando do general americano Mark Clark<sup>41</sup>. A prioridade dos Aliados na Europa era a invasão da mesma pelo Norte da França, tendo como símbolo a invasão da Normandia em 6 de junho de 1944, episódio conhecido como o Dia D. Assim sendo, a Frente Mediterrânea tinha um papel secundário frente ao panorama geral da guerra, mas isso não quer dizer que as batalhas tenham sido menos árduas, pois a campanha na Itália caracterizou-se por progressões lentas e difíceis, pois os alemães, apesar de uma inferioridade numérica e de recursos, fizeram uso de sua vasta experiência na guerra, com soldados já experientes das frentes russas<sup>42</sup> e também usufruíram da posição no terreno para dificultar a mobilidade dos Aliados.

## **2.2 - A FEB EM AÇÃO NO TEATRO DE OPERAÇÕES.**

A Segunda Guerra Mundial foi marcada por mudanças radicais de estratégias e táticas, no qual o uso combinado de exército, força aérea e marinha era muito importante. A região de combate na Itália, devido suas características geográficas, dificultava esta combinação de forças, sendo importante haver uma intensa cooperação entre unidades, assim sendo, a FEB deveria desempenhar seu papel com rigor, pois o sucesso de uma operação dependia diretamente da atuação de cada unidade, seja ela num papel em frentes “principais” ou “secundaristas”. Conforme relata o autor César Maximiano, individualmente, o pracinha desempenhava o mesmo papel relevante que qualquer soldado Aliado na guerra aonde quer que tivesse, no Norte da Europa ou lutando no pacífico, impedindo o deslocamento de tropas alemãs e conquistando territórios.

Ao chegar na Itália, os soldados brasileiros, assim como outras tropas novatas, foram designados para setores mais calmos da frente de batalha para ganhar experiência e, gradativamente, os soldados foram sendo incorporados em missões de maiores riscos. Em setembro de 1944, os soldados brasileiros conquistaram posições e conseqüentemente sofreram as primeiras baixas. Com a chegada de todos os escalões da

---

<sup>41</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p.79

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*

FEB na Itália, a Força Expedicionária estava completa com aproximadamente 25 mil homens, sendo que deste total, de 10 a 15mil estiveram diretamente envolvidos em combate, no entanto, os escalões que chegaram posteriormente tiveram que ir ao combate sem o treinamento necessário. Concomitantemente as ações na frente de batalha, começou a surgir uma distinção interna entre os soldados brasileiros que estavam na frente de batalha e os soldados brasileiros que estavam na retaguarda. No momento do embarque para a Itália, cada soldado recebeu dois sacos, um com a letra A e outro com a letra B, o primeiro saco seria para suprir suas necessidades na frente de batalha enquanto o segundo saco seria para suprir suas necessidades na retaguarda. Com o decorrer da guerra, os soldados na frente de batalha ficaram conhecidos como combatentes saco A e os da retaguarda como combatente saco B, sendo que os primeiros gozavam de uma superioridade pessoal entre os companheiros de guerra e alguns viam com certa depreciação os segundos.

As primeiras conquistas da FEB começaram a aparecer, a moral dos soldados brasileiros começou a aumentar, pois a desconfiança em relação a FEB começou a diminuir, tanto internamente por partes da sociedade brasileira, do governo e do alto escalão das Forças Armadas, assim como também pelo V Exército Americano, confrontando o pensamento daqueles que acreditavam que a atuação brasileira na guerra seria um fracasso. No entanto, em novembro de 1944, o exército brasileiro enfrentaria um grande obstáculo, pois tinha que cumprir a missão de conquistar um cume conhecido como Monte Castelo.

Os alemães possuíam neste local conhecido como Monte Castelo uma posição sólida, favorecendo-se da situação geográfica, pois no topo das montanhas, o exército alemão tinham uma visão favorecida e táticas mais eficientes para atingir os brasileiros, pois os atacantes necessitariam subir a montanha com lentas progressões ao mesmo tempo em que ficariam expostos e tornando-se alvos fáceis. Os Aliados já haviam vivenciado as dificuldades de se conquistar montanhas, tendo como exemplo Monte Cassino. Somente após sofrer muitas baixas e um grande bombardeio aéreo, Monte Cassino foi tomado. Depois desta batalha árdua, ficou claro que ataques frontais contra posições elevadas seriam sempre difíceis<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> FERRAZ, Francisco César Alves 2012. p.83

No entanto, estas lições de guerra parecem não terem sido aproveitadas pelos oficiais e comandantes brasileiros e entre 24 de novembro e 12 de dezembro, foram realizadas 4 tentativas frontais pelo exército brasileiro, assim como os Aliados haviam feito primeiramente e sem sucesso em Monte Castelo, ao cume de Monte Castelo. Foi um verdadeiro massacre por parte do exército alemão, que aproveitaram da errônea tática do exército brasileiro para defender seu território, mostrando uma incompetência dos comandantes brasileiros, que ordenavam aos soldados a direcionarem ataques frontais contra as bem protegidas guarnições alemãs, qualquer soldado com o mínimo de experiência saberia que este tipo de ataque seria muito perigoso, deixando os soldados muito expostos e fadados ao massacre (SOARES,1985)<sup>44</sup>.

Este episódio serviu para que alguns membros do alto escalão das Forças Armadas questionassem sobre o fracasso da ofensiva brasileira, sendo que havia um clima de hostilidade para com o comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes. O Chefe de Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira, coronel Lima Brayner, deixou a Itália para encontrar com Vargas no Rio de Janeiro e explicar detalhadamente os episódios da missão, o Presidente reiterou seu apoio ao comando da FEB, assim sendo o coronel Lima Brayner voltou para o teatro de operações na Itália convencido de que havia um grupo de oficiais que ambicionavam postos-chaves. Este tipo de disputa é um exemplo de conflito político que mais tarde iria refletir na reintegração social dos ex-combatentes, pois muitos militares que não embarcaram para a Europa e tinham certeza de que a FEB teria uma ação desastrosa, passaram a ver com outros olhos a situação, visto que a vitória dos Aliados era uma questão de tempo.

Após um período de trégua devido ao inverno rigoroso, foi possível reorganizar e estruturar um ataque mais efetivo ao Monte Castelo assim que as condições meteorológicas fossem propícias. No dia 21 de fevereiro de 1945, juntamente com a 10ª Divisão americana e com o apoio aéreo do Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, Monte Castelo foi finalmente conquistado, em um combate muito difícil para todos que participaram do ataque. Monte Castelo tornou-se um marco para a FEB, para o autor Dennison de Oliveira a conquista de Monte Castelo é certamente a maior e mais

---

<sup>44</sup> SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba, 1995.

importante vitória das forças brasileiras na guerra, comemorada mais do que o Dia da Vitória, pois a conquista do Monte representa uma glória exclusiva da FEB<sup>45</sup>.

A conquista de Monte Castelo, além de sua importância na guerra, foi usada como um episódio de exaltação mesmo no pós-guerra, demonstrando a bravura e ressaltando os episódios heroísmo, este evento mais tarde passou por interpretações destoantes. O jornalista William Waack<sup>46</sup>, afirma em sua obra que Monte Castelo tinha pouca importância para a estratégia de defesa da linha alemã, considerando então que os heróicos esforços brasileiros haviam sido para conquistar uma posição de pouca importância. Em contrapartida, o historiador norte-americano Frank MacCann afirma que Monte Castelo era de fato um ponto muito importante e que a manobra brasileira na guerra havia sido um sucesso.

Monte Castelo foi uma grande vitória para os brasileiros que estavam lutando na Europa, no entanto haveria uma missão muito perigosa ainda pela frente, a tomada de Montese. Diferentemente das montanhas, a luta agora seria em um ambiente urbano, dobrar uma esquina poderia ser a última coisa que o soldado faria em vida (BONALUME NETO, 1995) e foi justamente nesta missão urbana que o exército brasileiro sofreu o maior número de baixas e perdeu um dos “maiores oficiais da FEB”, o Tenente Max Wolff Filho.

O Tenente Max Wolff nasceu no município de Rio Negro no estado do Paraná em 29 de julho de 1911<sup>47</sup>, uma região caracterizada pela colonização alemã, sendo que seu pai era de origem austríaca, nascido em Viena. Max Wolff alistou-se voluntariamente na Força Expedicionária Brasileira, mesmo sendo reprovado primeiramente em um exame médico, buscou de qualquer maneira, ao contrário de muitos membros da elite e da classe média, uma maneira de conseguir entrar na FEB, tendo sucesso. O Tenente, assim como outros soldados de origem alemã que lutaram pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi visto por muitos com muita desconfiança,

---

<sup>45</sup> OLIVEIRA, D. de. Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas brasileiras: o caso de Monte Castelo

<sup>46</sup> WAACK, W. *As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>47</sup> *Memória, museu e história: centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário/ organizado por Dennison de Oliveira, colaboradores Cláudio Skora Rosty, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. p.121*

no entanto seus atos durante a guerra o levaram ao reconhecimento como sendo um dos maiores heróis da FEB.

O Tenente era um combatente destemido e incorporava os sentimentos mais altos esperados de um combatente, como a bravura e a lealdade. Wolff era conhecido por se voluntariar para as patrulhas de reconhecimento a todo momento e por desempenhar funções temerárias nas batalhas, causando muitas baixas ao inimigo. Seus feitos notáveis fez com que ele recebesse 5 medalhas: *Cruz de Combate 1ª Classe*, *Medalha “Sangue do Brasil”*, *Medalha de Guerra*, *Medalha de Campanha e Bronze Star* do exército norte-americano. Tamanha distinção e bravura em batalha, fazia com que o Tenente Max Wolff fosse visto como um “suicida” (OLIVEIRA, 2008)<sup>48</sup>, no entanto, em mais uma de suas patrulhas na região de Montese, o Tenente foi atingido e teve ferimentos fatais, morrendo em combate no dia 12 de julho de 1945, tornando-se um mito da Força Expedicionária Brasileira.

Após a conquista de Montese, as ações e manobras brasileiras continuaram por mais algumas semanas, a divisão brasileira conseguiu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, fazendo quase 15 mil prisioneiros de guerra e apreendendo uma grande quantidade de materiais bélicos. Em 2 de maio de 1945, a guerra na Itália chega ao seu fim, com a rendição total de todas as unidades alemãs presentes naquela região. A Segunda Guerra Mundial custou a vida de 443 expedicionários e 8 oficiais do Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira. Após a capitulação dos alemães, a Força Expedicionária Brasileira permaneceu em solo italiano até 3 de junho de 1945 como força ocupante antes de retornar ao Brasil. Os expedicionários, civis conscritos em sua maioria, estavam ansiosos para voltar à vida de cidadão em paz<sup>49</sup>.

### **2.3 - O FIM DA GUERRA E A DESMOBILIZAÇÃO DA FEB**

No dia 08 de maio, a Alemanha assina sua rendição total na Segunda Guerra Mundial, sendo este dia conhecido como o Dia da Vitória. Logo que a guerra terminou vários problemas estruturais começaram a aparecer, pois ao contrário de outros países beligerantes como os Estados Unidos da América, o Brasil não estava preparado para lidar com o retorno humano e dos recursos conquistados durante a guerra na Europa.

---

<sup>48</sup> OLIVEIRA, Dennison de. *Os Soldados Alemães de Vargas*. Curitiba, Juruá, 2008

<sup>49</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p. 84

Essas dificuldades encontradas pelos brasileiros, logo iriam refletir na reintegração social dos pracinhas que logo iriam se tornar ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial.

Os Estados Unidos da América viam com bons olhos a oportunidade que os brasileiros teriam em mãos na utilização dos, agora experientes, soldados brasileiros da Força Expedicionária Brasileira na reestruturação militar no Brasil pós-guerra, podendo estes soldados serem distribuídos pelo país em pequenos regimentos com o objetivo de instruir as unidades espalhadas pela nação<sup>50</sup>, visto que eles haviam sido preparados, treinados e estavam mais perto da filosofia de guerra Norte-Americana, ou seja, os estadunidenses enxergavam uma oportunidade de defesa na América Latina com um exército que eles ajudaram a moldar, mas o que se viu foi muito diferente.

Entre os meses de maio e julho, os pracinhas continuaram como força de ocupação na Itália esperando o seu retorno, já era sabido que o exército brasileiro não tinha interesse em prolongar sua estadia na Europa como uma força de ocupação e o retorno ao Brasil deveria acontecer logo. No entanto, no Brasil, as autoridades já estavam colocando em prática diversas ações para agilizar a dissolução da Força Expedicionária Brasileira e para lidar com diversos aspectos deste retorno, tais medidas influenciaram diretamente na reintegração social destes soldados.

A iminente volta da FEB ao Brasil gerou uma efervescência de opiniões e teorias em relação aos perigos que estes soldados que lutaram pela liberdade na Europa poderiam representar ao governo ditatorial no Brasil. Conforme relatam os autores Dennison de Oliveira e Francisco Ferraz, o exército febianos foi rapidamente desmobilizado ao retornar ao Brasil, principalmente por motivos políticos e disputas internas.

Muitas vezes, ao analisar as instituições ou as estruturas que influenciaram a construção da imagem do soldado febianos e as decisões em relação a volta destes soldados da guerra, a visão de parte da sociedade urbana brasileira fica marginalizada, lembrando que a sociedade é também um agente histórico que teve sua influência na reintegração social dos ex-combatentes e na preservação ou esquecimento da memória da FEB. Enquanto o exército brasileiro estava na difícil missão de conquistar Monte

---

<sup>50</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p. 85

Castelo no final de 1944, a imprensa brasileira lançava publicações que muito têm a dizer sobre a visão de setores da sociedade sobre os pracinhas. A charge de J. Carlos<sup>51</sup>, publicada em dezembro de 1944 na revista humorística *Careta*, é um exemplo de um tipo de visão caricato comum que era dado aos pracinhas, um soldado pacífico, ingênuo, que mesmo em um conflito armado jamais esquecia da paixão pelo futebol:



É importante ressaltar que o Brasil do início do século XX viu surgir diversas revistas ilustradas, tais como *Careta* (1908), *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904) e *fon-fon!* (1907), estas revistas, quando se separam dos jornais, começam a ganhar uma estrutura

<sup>51</sup> José Carlos de Brito e Cunha, conhecido como J. Carlos, (Rio de Janeiro, 18 de junho de 1884 — Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1950) foi um chargista, ilustrador e designer gráfico brasileiro.

<sup>52</sup> Disponível em <http://henriquempfeeb.blogspot.com.br/2012/12/charges-brasileiras-sobre-segunda.html> acesso em 17/05/13

semi-empresarial<sup>53</sup>, passando a buscar um público leitor, visando a lucratividade e a auto-suficiência. As revistas ajudaram a forjar a sensibilidade brasileira<sup>54</sup>, as revistas ilustradas têm um papel fundamental com o grande público, diferentemente das revistas literárias que contavam com um público específico. Com o passar do tempo, os humoristas chargistas puderam incrementar um relação mais próxima com o mercado consumidor amplo<sup>55</sup>.

Entre os dias 06 de julho e 13 de outubro de 1945, os soldados brasileiros foram retirados do teatro de operações na Europa, retornando finalmente ao Brasil. Antes mesmo do fim das hostilidades da guerra, o Ministério da Guerra já conduzia uma série de regras que iriam desde a organização dos soldados após o desembarque<sup>56</sup> e a censura que os soldados iriam sofrer para que não dessem informações aos jornalistas e nem mesmo aos seus familiares sobre o que havia se passado na guerra<sup>57</sup>.

Haviam diversas visões sobre os perigos da volta da FEB para o Brasil, tal como a já citada preocupação de um exército que lutou pela democracia voltando a viver na ditadura. Na opinião do autor Francisco Ferraz, o presidente Getúlio Vargas sabia que existiam desafetos em relação a sua pessoa por parte de alguns oficiais febianos e que estes estariam dispostos a derrubar seu governo. No entanto não é possível atribuir à FEB a turbulência que o Estado Novo estava vivendo, pois ironicamente, a deposição de Getúlio Vargas foi realizada por aqueles que não foram combater com a FEB na Europa. A imagem de vanguarda da Força Expedicionária Brasileira na luta contra o nazi-fascismo não passou despercebida para as organizações comunistas no Brasil, que ressaltavam que a luta febianas não ficaria restrita na Europa, mas refletiria na luta brasileira pela redemocratização.

“Diferentemente do que foi propagado no momento, pelos vencedores do golpe que afastou Getúlio Vargas da presidência, nem a FEB derrubou Vargas, tampouco este temia a FEB. As maiores resistências à FEB, antes do seu envio e depois, em seu retorno, partiram justamente de Dutra e Goes Monteiro, que teriam mais a perder do que Getúlio Vargas. Qualquer que seja a versão historiográfica escolhida, alguns

---

<sup>53</sup> SALIBA, Elias Thome. Raízes do Riso. São Paulo. Editora Cia das Letras, 2002. p41

<sup>54</sup> LUSTOSA, Isabel. Imprensa, História e Literatura. Rio de Janeiro. Editora Casa Rui Barbosa 2008. p.214

<sup>55</sup> SALIBA, Elias Thome. 2002. p41

<sup>56</sup> Tanto o transporte de ida para a Europa quando o transporte de volta para o Brasil foram organizadas e efetuadas pelo exército Norte-Americano.

<sup>57</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p. 93

pontos são constantes: o incômodo que representava para o “exército de Caxias” esse novo tipo de exército, “exército da FEB”, mais liberal e democrático; o receio de que os oficiais febianos pudessem tornar-se o fiel da balança político-eleitoral; mas, principalmente, o temor de que os praças expedicionários, entre os quais Vargas desfrutava de grande popularidade, pudessem apoiá-lo e empolgar a população para soluções diferentes daquelas do pacto conservador das elites políticas brasileiras para a sucessão de Vargas.”<sup>58</sup>

Enquanto os soldados brasileiros estavam embarcando para o retorno ao seu país, o Ministério da Guerra determina a dissolução da Força Expedicionária Brasileira através do Aviso Ministerial nº 217-185 no dia 06 de julho de 1945. A viagem de volta dos soldados foi marcada pela grande ansiedade de retorno ao país, ao reencontro dos familiares e festividades. Os pracinhas foram recebidos com festas, mas seu entusiasmo foi logo controlado através da distribuição de cartilhas de comportamento e de censura ao falar dos episódios da guerra. O que se viu após o embarque foi uma pressa muito grande em desmobilizar estes soldados, construindo uma certa jogo duplo com eles, pois ao mesmo tempo em que os soldados eram saudados e glorificados em passeatas de massas, festas com aparições de políticos parabenizando-os pela bravura e dando boas vindas à volta ao país, a multidão na rua gritando glórias, o governo brasileiro intensificava o processo de dispersão e dipensa dos soldados febianos.

### **3. A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS EX-COMBATENTES.**

Este terceiro capítulo irá abordar os aspectos da reintegração social do ex-combatente brasileiro da Segunda Guerra Mundial, discorrendo sobre a dura volta destes soldados para a vida no pós-guerra, o que foi feito em termos práticos, leis de amparo aos ex-combatentes e suas respectivas aplicabilidades, ou a falta delas. Em seguida, este trabalho irá brevemente analisar como os ex-combatentes passaram a se organizar para lutar por direitos e benefícios que em teoria deveriam ser imediatamente adotados quando chegaram do teatro de operações na Itália e, para finalizar, este capítulo irá seguir para a análise dos questionários sócio-econômicos da Legião Paranaense do Expedicionário.

#### **3.1 – A VOLTA DOS SOLDADOS BRASILEIROS PARA CASA.**

---

<sup>58</sup> *Idem*, pp. 115-116

A Segunda Guerra Mundial havia acabado, os Aliados haviam vencido, os pracinhas estavam novamente em seu país. No entanto, as festas do retorno estavam terminando, o mundo estava retornando aos tempos de paz e os soldados da FEB ainda teriam outra batalha para travar com a dura realidade que os esperava no futuro próximo, a realidade de abandono, de desamparo e de falsas promessas, tanto para aqueles que continuaram no serviço militar, o que foi a minoria, quanto para aqueles que retornaram à vida civil.

Os soldados que continuaram na vida civil, acreditavam que a experiência adquirida na guerra seria de muita utilidade para a carreira militar, tendo a oportunidade de repassar estas experiências nos quartéis e almejar a escalada hierárquica. No entanto, é preciso ressaltar que antes do embarque da FEB para o teatro de operações na Europa, a idéia de mandar um efetivo para a luta chegou a ser alvo de chacota nos quartéis brasileiros, diante da descrença que havia do sucesso de tal missão. Três anos depois, a história se inverte, os soldados febianos voltaram cheios de glória, prestígio e com a missão realizada, gerando medo nos oficiais do exército brasileiro que não foram para a guerra e tinham receio de ser ultrapassados pelos expedicionários na carreira militar.

Diante deste contexto, as leis que deveriam ser exclusivas para os soldados brasileiros que de fato foram para Itália lutar passaram a ter uma maior abrangência e beneficiar também os militares da ativa, desprezando a imagem daquele que deixou seu país para lutar na Segunda Guerra Mundial. Para elucidar este momento, é oportuno citar a lei nº 288 de 08 de junho de 1948 que, dentre outras coisas, afirma: **“ART. 1º O oficial das Forças Armadas, que serviu no teatro de guerra da Itália, ou tenha cumprido missões de patrulhamento, vigilância e segurança do litoral, e operações de guerra e de observações em qualquer outro teatro de operações de guerra definidas pelo Ministério respectivo, inclusive nas ilhas de Trindade, Fernando de Noronha e nos navios da Marinha de Guerra, que defendiam portos nacionais em zonas de operações de guerra, quando transferido para a reserva remunerada, ou reformado, será previamente promovido ao posto imediato, com os respectivos vencimentos integrais.”**<sup>59</sup> Este tipo de lei gerou muitas críticas e revoltas de militares da ativa que não participaram da Segunda Guerra Mundial, diante da pressão dos

---

<sup>59</sup> Disponível em <http://www.5rm5de.eb.mil.br/sip5/?pg=leg/lei288> acesso em 20/05/13

oficiais que ficaram ressentidos, no dia 02 de fevereiro de 1949 a lei nº 616, conhecida como A Lei da Praia, reconfigura a já citada lei nº 288 facilitando o alcance dos benefícios que deveriam ser exclusivos aos combatentes da Segunda Guerra Mundial para os oficiais na ativa do exército brasileiro que não participaram da mesma, fato que gerou indignação e provou a desvalorização que ex-combatente febiano estava sofrendo cada vez mais no Brasil.

Logo após o retorno ao Brasil, diversas praticas foram sendo implantadas que aos poucos iriam apagando a memória e a distinção honrosa dos expedicionários, pois os mesmos foram proibidos de usar os uniformes e emblemas da FEB e FAB, os quais vestiam orgulhosamente na rua, pois era um motivo de grande honra e uma maneira de reforçar a identidade expedicionária destas pessoas<sup>60</sup>.

Os soldados que voltaram para a vida civil não imaginavam que esta volta não se daria de forma fácil e serena. Se a própria organização de uma Força Expedicionária Brasileira foi uma novidade para o governo brasileiro, as consequências do pós-guerra também o eram, demonstrando uma clara falta de planejamento e vontade política por parte do governo brasileiro para que a reintegração social dos ex-combatentes se desse de forma mais objetiva e abrangente para aqueles que de fato serviram no teatro de operações na Europa. O primeiro grande obstáculo dos ex-combatentes que voltaram para a vida civil foi retomar as relações sociais e profissionais. Os soldados deixaram suas vidas e foram treinados para o combate, voltar para a vida pacífica não seria nada fácil, assim como não seria fácil para a família receber este combatente novamente em casa. Quando os soldados partiram para guerra, partiram com a promessa que os empregos que eles haviam deixado estariam esperando no momento do retorno, As leis que garantiam o emprego que o soldado havia deixado para lugar na guerra muitas vezes era burlada, o estigma de neurose de guerra fazia com que os soldados não encontrassem oportunidades de emprego. As palavras do paranaense Leonércio Soares refletem a maneira indigna que os ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial estavam sendo tratados:

E o que vemos hoje, lá num pedaço da Itália algumas centenas de cruces pequeninas e brancas, aqui, centenas de mutilados arrastando suas mutilações pelos quatro cantos do Brasil, centenas de ex-combatentes sendo recolhidos nos hospitais de caridade, sanatórios, manicômios como INDIGENTES! EXPEDICIONÁRIOS

---

<sup>60</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. pp.139-140

INDIGENTES!... o que pedimos, e desejamos é apenas compreensão e boa vontade, paciência e esforço no sentido de reajustar os ex-combatentes em suas atividades, auxílio aos mais necessitados, que com isto grandes benefícios terá a Pátria e o Povo, porque o ex-combatente produzirá muito se for compreendido e aproveitado. E acima de tudo respeito, pedimos respeito a tudo que envolva o assunto da FEB.<sup>61</sup>

O governo brasileiro, através de diversos decretos e leis, foi criando mecanismos para dar assistência aos ex-combatentes. Temos o exemplo do Decreto-Lei nº7.270, de janeiro de 1945, que criou a Comissão de Readaptação dos Incapacitados das Forças Armadas (CRIFA)<sup>62</sup>, comissão esta que ficaria diretamente subordinada ao Presidente da República e na qual os indivíduos que estavam notoriamente incapacitados por causa da guerra deveriam se apresentar. A CRIFA, juntamente com a Legião Brasileira de Assistência, a LBA, que havia sido criada em 1942 após o ataque dos alemães aos navios brasileiros, deveriam formar o carro chefe na organização da reintegração social dos ex-combatentes brasileiros.

A LBA teve uma forte atuação durante o período de guerra, na assistência às famílias de combatentes e nas campanhas voluntárias para a conscientização dos esforços de guerra e coordenando arrecadações de fundos<sup>63</sup>. No entanto, conforme o autor Francisco Ferraz relata, o funcionamento da CRIFA constitui uma das páginas mais obscuras da história dos expedicionários no pós-guerra, seu trabalho e sua eficácia é altamente questionável, sofrendo com as falhas estruturais<sup>64</sup> que impediam alcançar os ex-combatentes que encontravam-se em estado de necessidade, principalmente os mutilados.

Com o passar dos anos, os soldados febianos viram surgir mais decretos e leis que supostamente deveriam ajudá-los na cada vez mais na penosa tarefa de se reintegrar na vida civil, ressalto neste momento algumas das leis existentes que buscavam auxiliar o ex-combatente: Decreto-lei nº 8.795 de 23 de janeiro de 1946: **Art. 1º Este decreto-lei regula as vantagens a que ficam com direito os militares, inclusive os convocados, incapacitados fisicamente para o serviço militar em consequência de ferimentos verificados ou moléstias adquiridas quando participavam da Força**

---

<sup>61</sup> SOARES, Leonércio. 1995.p.349

<sup>62</sup> OLIVEIRA, Dennison de. Custos humanos da desmobilização da força expedicionária brasileira (FEB): A Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e os feridos, doentes e mutilados da Segunda Guerra Mundial (1947-1956). Vozes, Pretérito & Devir, v. 1, p. 167, 2013.

<sup>63</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p. 163

<sup>64</sup> *Idem*, p.162

**Expedicionária Brasileira destacada, em 1944/1945, no teatro de operações da Itália**<sup>65</sup>. A lei nº 2579 de 23 de agosto de 1955, já dez anos após a Segunda Guerra Mundial ter terminado, que concede amparo aos ex-integrantes da Força Expedicionária Brasileira, julgados inválidos ou incapazes definitivamente para o serviço militar<sup>66</sup>.

O Brasil da década de 40 era uma sociedade ainda ruralizada, muitos ex-pracinhas haviam voltado para o interior e não possuíam informações sobre os benefícios ou sobre as instituições as quais eles poderiam recorrer, ou seja, havia uma falha de alcance dessas leis.

### **3.2 AS ASSOCIAÇÕES DE EX-COMBATENTES, A LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO E A CASA DO EXPEDICIONÁRIO.**

Os ex-combatentes estavam de volta ao Brasil, os uniformes estavam entregues, as festas haviam acabado e a memória da guerra ia ficando cada vez mais distante, principalmente para a sociedade brasileira. No entanto, as sequelas causadas pela guerra ainda constituíam grandes feridas para os pracinhas, que encontravam muitas dificuldades para curá-las. Com o insucesso das leis de amparo aos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial e suas respectivas aplicabilidades, os expedicionários passaram a se unir em associações e assim constituir uma unidade de identidade para buscar o auxílio e as recompensas que haviam sido prometidas e que não haviam recebido. No dia 01 de outubro de 1946, foi fundada no Rio de Janeiro a primeira associação, a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, conhecida como AECB. Esta associação tinha uma sede central no Rio de Janeiro, mas seus membros deslocavam-se para outras regiões com o objetivo de encontrar os expedicionários de outras localidades.

Após a criação da AECB, surge no Paraná o anseio de criar uma unidade na qual os expedicionários que nesta região se encontravam e que estavam vivenciando a condição de desamparo e desilusão, assim como nas outras regiões do país, pudessem sem reunir e buscar auxílio. É neste contexto que surge a Legião Paranaense do Expedicionário, conhecida como LPE. A LPE surgiu em 1946, em menos de um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, resultado dos esforços de um reduzido grupo de

---

<sup>65</sup> Disponível em <http://www.5rm5de.eb.mil.br/sip5/?pg=leg/lei8795> acesso em 20/05/13

<sup>66</sup> Disponível em <http://www.5rm5de.eb.mil.br/sip5/?pg=leg/lei2579> acesso em 20/05/13

veteranos que participaram da Campanha na Itália. Em sua maioria, eram oficiais da ativa e da reserva do Exército, que haviam lutado ou haviam atuado com a Força Expedicionária Brasileira na Itália durante a guerra<sup>67</sup>.

O foco imediato da LPE, logo em seu início, foi nas questões sociais e políticas envolvendo os veteranos da Campanha da Itália, havendo uma grande demanda pela busca de tratamentos dos ferimentos, doenças e demais sequelas físicas e psicológicas causadas pela guerra, juntamente com a dificuldade de reintegração social diante da ineficácia das políticas governamentais, fazendo com que os ex-combatentes passassem a enfrentar uma situação de abandono, desemprego, inadaptação social e profissional, problemas estes que afligiam os ex-combatentes no Paraná e no resto do Brasil<sup>68</sup>.

No dia 15 de novembro de 1951, diante das demandas e necessidades dos ex-combatentes que estavam vivendo no Paraná, surge em Curitiba a Casa do Expedicionário.

“Sua construção foi resultado da iniciativa e determinação da LPE, e contou com o auxílio de entidades públicas e privadas, civis e militares, de entidades da sociedade civil bem como de milhares de cidadãos da comunidade curitibana e de todo Brasil. Na sede própria da LPE, o Museu<sup>69</sup> ocupava, contudo, apenas uma das suas salas. Todas as outras eram ocupadas com serviços sociais que a LPE oferecia aos veteranos de guerra, como atendimento médico, dentário, jurídico, administrativo, cultural, educativo, profissional, etc. Nada menos de dez cômodos no andar superior do edifício foram reservados para hospedar os ex-combatentes de outras cidades em trânsito pela Capital, geralmente em busca de atendimento médico.”<sup>70</sup>

A Casa do Expedicionário surge então como uma alternativa aos ex-combatentes na busca por uma união, por identidade, por auxílio e amparo, ao mesmo tempo em que este local, assim como as outras Associações de ex-combatentes, tornam-se agentes de memórias, pois são nestes locais que a memória da guerra continuaram e ainda continuam vivas apesar do gradativo esquecimento do governo e da sociedade em

---

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Dennison de. 2013. p166

<sup>68</sup> *Memória, museu e história: centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário*/ organizado por Dennison de Oliveira, colaboradores Cláudio Skora Rosty, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. p.55

<sup>69</sup> O Museu do Expedicionário, também conhecido também como Museu Tenente Max Wolff Filho, funcionava juntamente com a Casa do Expedicionário, no entanto desde 1979 em Assembléia Geral da Legião Paranaense do Expedicionário transformou todo o prédio da Casa do Expedicionário em Museu do Expedicionário

<sup>70</sup> *Idem*, pp.55-56

relação aos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira. Muitos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial passam a frequentar as associações, trabalhos importantes para a reintegração social destes ex-combatentes passam a serem feitos nestes locais, que buscam preencher o vazio deixado pelas políticas governamentais.

O efetivo recrutado no estado do Paraná para lutar na Campanha da Itália de aproximadamente 1.500 homens, os quais a Legião Paranaense do Expedicionário buscou angariar no pós-guerra, representa uma proporção pequena na Força Expedicionária Brasileira, algo em torno de 6% do total de pessoas enviadas para o teatro de operações na Itália. No entanto, houve um crescimento muito grande do estado do Paraná no pós-guerra devido ao ciclo do café, sendo que sua capital e outras cidades muito se desenvolveram, fato que levou muitas pessoas migrarem para o estado do Paraná, sendo que muitas dessas pessoas que migraram foram participantes da Segunda Guerra Mundial, ou seja, ex-combatentes que não eram oriundos do estado do Paraná mas que se mudaram para esta região depois do fim da Segunda Guerra Mundial. A Legião Paranaense do Expedicionário chegou a contar com 2.500 filiados, resultando no número de 10% do total de militares que o Brasil enviou para lutar na guerra<sup>71</sup>.

### **3.3 OS QUESTIONÁRIOS SÓCIO-ECONÔMICOS DA LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO.**

No contexto do pós-guerra e diante das falhas nas leis de amparo aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, as associações dos ex-combatentes brasileiros passaram a ter atuações cada vez mais fortes, tanto na ajuda ao ex-combatente em sua tarefa de reintegração social, quanto na manutenção da memória da Força Expedicionária Brasileira.

A Legião Paranaense do Expedicionário contava com uma Secretária de Assistência Social, a qual buscava sistematizar e buscar soluções para os requerimentos criados pelos ex-combatentes, os quais buscavam a LPE para expor suas maiores dificuldades e procurar auxílio. A sistematização, por parte da LPE, destes pedidos, vai criar um imenso banco de dados, no qual os pesquisadores podem buscar de forma empírica aquilo que pode ser útil para a sua pesquisa. Estes requerimentos são capazes

---

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Dennison de. 2013. p.169

de mostrar, sistematizar e sumarizar em dados o abandono sofrido pelo ex-combatente brasileiro da Segunda Guerra Mundial. O autor Dennison de Oliveira afirma:

A diversidade de pedidos incluía providências solicitadas à LPE no sentido de prover emprego, atendimento médico, obtenção e/ou manutenção de órgãos artificiais, compra de medicamentos, pedidos de notícias de parentes, assistência jurídica para fazer valer os direitos garantidos nas leis de amparo aos ex-combatentes, reintegração ao emprego ou a carreira militar interrompida, hospedagem, auxílio para abertura de pequenos negócios ou comércio, obtenção de empréstimos, financiamento para despesas fúnebres dos veteranos de guerra ou seus familiares, etc. Incluía também ajuda emergencial, como se nota nos pedidos de pequenas somas de dinheiro para comer, tomar banho, fazer a barba, comprar roupas ou sapatos, etc.<sup>72</sup>

No ano de 1973, 28 anos após o término da Segunda Guerra Mundial, a Legião Paranaense do Expedicionário vai enviar, através do correio, um questionário sócio-econômico para os ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial residentes no estado do Paraná no intuito de identificar e sistematizar informações importantes sobre a vida desses ex-combatentes e as dificuldades encontradas ainda após quase duas décadas do fim do conflito bélico que haviam sido mandados para combater o nazifascismo. A LPE recebeu mais de 750 fichas respondidas, as quais serviram de fonte para a presente pesquisa.

Nestas fichas encontram-se, além dos dados de identificação do veterano de guerra, informações altamente valiosas, dentre estas, incluem-se nome, filiação, data de nascimento, profissão, local de trabalho, valor dos vencimentos que recebe, se contribui para a previdência social, se tem casa própria, quando e a que unidade foi incorporado ao exército, qual unidade serviu na FEB, sob qual posto serviu, se foi condecorado, se está registrado na LPE, se requereu reforma, nomes da esposa e filhos e, finalmente, o mais importante: quais dificuldades enfrenta no momento?

Conforme relata o autor Dennison de Oliveira (2013) em seu artigo sobre a desmobilização da Força Expedicionária Brasileira<sup>73</sup>, os recentes estudos sobre a reintegração social dos ex-combatentes brasileiro depois da Segunda Guerra Mundial, têm se voltado a panoramas mais gerais, como aplicabilidade de leis de amparo aos

---

<sup>72</sup> *Idem*, 170

<sup>73</sup> *Idem*, pp. 165-166,

veteranos de guerra e o envolvimento político das associações de ex-combatentes. Estes trabalhos foram responsáveis por levantar diversas questões extremamente relevantes para os pesquisadores do tema. É importante ressaltar o trabalho, que talvez seja o mais importante existente até o momento, do autor Francisco César Alves Ferraz<sup>74</sup>: “A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)” (2012), que traz um panorama amplo muito importante dos fatos mais relevantes para a compreensão da reintegração social dos ex-combatentes, sendo de muito auxílio para a presente pesquisa. No entanto, este trabalho, através dos questionários da Legião Paranaense do Expedicionário, tem a oportunidade de evitar análises macro e generalizações, pois através dos questionários sócio-econômicos é possível ter uma visão íntima de temas tão caros aos soldados, mas que às vezes passam despercebidos por uma visão generalista do tema. Os trabalhos existentes sobre o tema, concentram-se muitas vezes na análise de depoimentos de ex-combatentes ou de seus familiares, ambos relatando o tema da reintegração social com base nas memórias, estas fichas da Legião Paranaense do Expedicionário traz a oportunidade de um trabalho empírico, sendo possível identificar questões de extrema relevância para a reintegração social do ex-combatente brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

A maior parte dos ex-combatentes que responderam ao questionário, 584 de um universo de 768, ou seja, 76% do total estavam registrados na Casa do Expedicionário no momento em que responderam e 39,3% destes ex-combatentes que responderam ao questionário da LPE haviam embarcado para a Itália no 2º Escalão da Força Expedicionária Brasileira. Os problemas encontrados nos questionários são diversos, a busca por auxílio financeiro, saúde, educação para os filhos, trabalho, benefícios, reforma, aposentadoria e etc, permeiam os pedidos realizados para a Legião Paranaense do Expedicionário.

Apenas 80 fichas de 768, 10% total constam afirmações de ex-combatentes que não possuem dificuldades no momento, enquanto o resto dos ex-combatentes, sendo 90% do total, apresentam pelo menos uma dificuldade. É interessante notar que apenas 42 ex-combatentes declararam que eram reformados, uma parcela de apenas 5,5% do total, sendo que dentre esses 42 ex-combatentes, 30 não apresentaram tantas dificuldades como o resto dos que responderam o questionário, ressaltando o fato de

---

<sup>74</sup> Doutor em história pela USP e professor da Universidade Estadual de Londrina.

que 308 ex-combatentes haviam entrado com o pedido de reforma, 40,1% do total de ex-combatentes que responderam ao questionário.

É possível afirmar que os ex-combatentes que tiveram acesso aos benefícios e amparos com a reforma ou que tiveram seus pedidos acatados, formam a maioria dos que declararam não haver nenhum problema no momento em que responderam ao questionário. Assim sendo, os ex-combatentes que tiveram suporte das leis como o Decreto-Lei nº 7.270, de 25 de janeiro de 1945, que promovia ao posto imediato e reformava os integrantes da FEB que haviam sido feridos na Campanha da Itália, o Decreto-Lei nº 8.795, de 23 de janeiro de 1946 que reforçava a possibilidade de promoção ao posto imediato e a reforma de todos que contraíram doenças ou foram feridos em decorrência de sua participação nas operações militares<sup>75</sup>, tiveram menos dificuldades em seus processos de reintegração social.

Nas fichas, é possível encontrar mais de 100 tipos de ofícios nos quais os ex-combatentes estavam trabalhando, os trabalhos mais recorrentes eram de Agricultor, Comerciante, Funcionário Público Federal, Funcionário Público Estadual, mais de 190 lavradores, motorista, servente e outros. 270 ex-combatentes não eram contribuintes de institutos de previdência, quase 35% do total, os institutos que tinham mais contribuintes eram o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado).

O posto predominante nas fichas é o de Soldado, sendo aproximadamente 75% das respostas, ou seja, as maiores dificuldades são encontradas naqueles que possuíam patente menor no exército. Algo em torno de 26% dos ex-combatentes não possuía ao menos uma casa própria no momento em que responderam ao questionário, ainda no âmbito familiar, é de se notar que 663 ex-combatentes responderam que eram casados, aproximadamente 86% do total destas pessoas possuíam vínculo matrimonial e chegavam a constituir famílias de até 14 filhos, fato que gerava uma necessidade grande de acesso ao trabalho ou pensões para que fosse possível ser o provedor da família, sendo que 379 das 768 que responderam ao questionário da LPE em 1973 não eram aposentados no momento.

---

<sup>75</sup> OLIVEIRA, Dennison de. 2013. p.172

No campo do questionário, no qual o ex-combatente deveria citar quais eram as maiores dificuldades no momento, é possível encontrar o total descaso e abandono com estas pessoas que saíram do seu país, deixaram suas famílias para embarcar para uma guerra e lutar por ideais que nem ao menos eram encontrados no Brasil, como a democracia e a liberdade. São recorrentes as citações de problemas de saúde, problemas financeiros, dificuldades com emprego/desemprego, preocupação com a educação dos filhos, aposentadoria, dificuldades físicas e psicológicas que impedem a busca por trabalho, a falta de auxílio e de amparo.

Quase 29% dos ex-combatentes que responderam ao questionário retratavam dificuldades financeiras agravantes, relatando a dificuldade de proporcionar uma vida digna para suas famílias. Uma preocupação muito grande era com os filhos, 25% dos entrevistados relataram a preocupação com o sustento ou com os estudos dos filhos, afirmando que não dispunham de condições financeiras para sustentar plenamente seus filhos e custear a educação dos mesmos

Um fato notável é a dificuldade que muitos ex-combatentes tiveram em compreender e responder as perguntas do questionário, respondendo de maneira inadequada ou não compreendendo aquilo que estava sendo perguntado. Para elucidar melhor as informações e reclamações recorrentes nos questionários sócio-econômicos, chamo a atenção para a ficha de Arnaldo Gonçalves Assunção. Nascido em junho de 1920, partindo para a guerra com apenas 24 anos de idade, natural de Campina Grande do Sul, casado, tendo 5 filhos, aposentado por invalidez, trabalhava como funcionário público municipal e possuía uma renda de Cr\$400,00, sendo contribuinte do Instituto de Previdência dos Servidores do Município de Curitiba (IPMC) e, diferentemente de outros 26% ex-combatentes, possuía uma casa própria. Arnaldo Gonçalves Assunção fez parte do 20º regimento de infantaria de Curitiba e serviu na Força Expedicionária no 11º Regimento de Infantaria como soldado raso e embarcou para Itália no 2º Escalão da FEB e foi condecorado com o Diploma da Medalha de Campanha. O ex-combatente estava registrado devidamente na Casa do Expedicionário, ele afirma que não requereu nomeação ou reforma, no entanto, ao explicitar as maiores dificuldades no momento, Arnaldo Assunção afirma que tem dificuldades financeiras, pois vive unicamente com sua aposentadoria e por isso deseja a reforma como soldado integrante da Força Expedicionária Brasileira de acordo com a lei em vigor. O ex-pracinha mostra que tem

conhecimento das leis de amparo ao ex-combatente brasileiro, mesmo sem ter requerido a reforma, pede pela mesma pois estaria amparado por leis, no entanto, como é possível ver pelo caso de Arnaldo, as aplicabilidades destas leis estavam muito distantes da realidade.

O Cabo Ivon de Medeiros, que havia servido na guerra no 1º Grupo de Aviação de Caça, e qual também estava devidamente registrado na Casa do Expedicionário, ao responder no questionário quais eram as maiores dificuldades que passava no momento, afirma que é a mesma dificuldade que aflige TODA A CLASSE, os poucos vencimentos que recebe sendo incapaz de sustentar sua família com dignidade. O Cabo afirma uma unidade entre os ex-combatentes ao se referir aos outros como uma classe, uma classe que passava pelas mesmas dificuldades que as suas.

Os casos de Arnaldo Gonçalves Assunção e Ivon de Medeiros são um panorama do que é frequentemente encontrado ao se analisar os questionários sócio-econômicos enviados pela Legião Paranaense do Expedicionário em 1973. Ex-combatentes brasileiros que estavam passando por situações críticas, sofrendo com doenças físicas e psicológicas, causadas pela participação na Segunda Guerra Mundial e que ao retornar do teatro de operações na Europa encontraram--se desamparados e muitas vezes não conseguiram se beneficiar das leis que foram criadas para amenizar este doloroso processo de reintegração social. Pessoas que largaram suas vidas civis, suas famílias e que foram transformadas em soldados para combater o inimigo com o sangue frio necessário de um bom combatente, que embarcaram para uma região distante, composta por uma geografia e um clima muito diferente daquilo que era encontrado no Brasil, para combater o nazi-fascismo em nome de ideais que nem ao menos eram encontrados no contexto político brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O Brasil declarou guerra aos países do Eixo, mas não tinha alguma estrutura para poder enviar combatentes para o teatro de operações. Sendo assim, o que se viu foi uma apressada e pouco organizada corrida do Brasil para estruturar a Força Expedicionária Brasileira e assim desempenhar seu papel na guerra. A maneira como ocorreram os recrutamentos para formar a FEB foram muito importantes para se entender a volta destes combatentes para a vida civil após a guerra. A formação da FEB foi marcada pelo coronelismo e clientelismo brasileiro, o apadrinhamento de membros da classe média e da elite brasileira para escapar dos deveres militares, era visível que a juventude escolarizada nutria um grande apreço em fazer discursos em apoio à guerra, mas não se apresentava para participar desta luta, o mesmo reflexo se viu na imensa quantidade de pedidos de dispensa recebidos pelo Ministério da Guerra, pois esses pedidos eram oriundos do pessoal mobilizado instruído, enquanto o pessoal sem grau de instrução permanecia mobilizado para partir para a guerra<sup>76</sup>. Além disso, a Força Expedicionária Brasileira teve que lidar com disputas políticas, má vontade, falta de preparo, de experiência e de estrutura. No entanto, a FEB formou-se, tendo “cidadãos-soldados” como espinha dorsal, soldados estes que após a guerra deveriam voltar para sua vida civil.

A participação dos brasileiros na guerra foi vista com muita descrença, tanto pelos americanos quanto pela própria sociedade e membros do alto escalão das forças armadas, não foi o objetivo deste trabalho debruçar-se sobre a atuação detalhada da FEB na Itália ou mostrar sua importância geral dentro da Segunda Guerra Mundial, mas é válido ressaltar que mesmo diante de tantas adversidades, os soldados brasileiros desempenharam seu papel com muita bravura e honra.

A Segunda Guerra Mundial havia acabado, mas para muitos soldados, a batalha não seria uma memória distante na Itália, pois teriam de travar uma batalha em seu próprio país, por reconhecimento de seus feitos e pelas falsas promessas, sendo que esta batalha começou no instante em que os ex-combatentes desembarcaram dos navios oriundos da Itália. Ao mesmo tempo em que foram recebidos com festas e honras,

---

<sup>76</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. 2012. p.53

forças políticas agiam rapidamente para desmobilizar a Força Expedicionária Brasileira e gradativamente marginalizar estas pessoas tanto na vida militar como na vida civil.

Assim como o país demonstrou pouco preparo para formar uma unidade de combate para lutar na Europa, mostrou ainda menos preparo e planejamento para lidar com o retorno destes soldados. Esta falta de planejamento inevitavelmente gerou muitas dores e mortes no pós-guerra, pois muito pouco foi feito para amparar os ex-combatentes e os instrumentos práticos e jurídicos existente eram muitas vezes manipulados e de difícil acesso para quem de fato merecia se beneficiar da condição de ex-combatente brasileiro da Segunda Guerra Mundial.

Através desta pesquisa foi possível identificar as situações extremas enfrentadas pelos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial no Brasil mesmo após 28 anos do fim do conflito. Falta de saúde, de tratamento, miséria, dificuldade de acesso a educação, de sustento para a família, a busca pela aposentadoria, a busca pela dignidade, por direitos que haviam sido garantidos antes mesmo de embarcar para a Itália para esses “cidadãos-soldados” que iriam deixar suas vidas civis para combater o nazi-fascismo e para esta mesma vida retornar depois da guerra. Além da violência física e moral imposta aos ex-combatentes depois do retorno, com o insucesso das leis de amparo aos veteranos, os pracinhas sofreram com o esquecimento, vendo as glórias conquistadas com sangue na Europa sendo transformadas em notas de rodapé.

. Ainda há muito a ser pesquisado sobre este tema, principalmente com o acesso às novas fontes, tais como as da LPE, este trabalho não pretende trazer respostas generalizadas sobre o tema, mas conclui que houve um enorme abismo entre as leis de benefícios para os ex-combatentes existentes e suas aplicabilidades, sendo que, de uma maneira geral, os pracinhas ficaram abandonados pelas políticas públicas que deveriam ter dado todo o suporte após o retorno para o Brasil. “Nós partimos do Brasil com promessas do então Presidente da República, que ainda a bordo de um dos navios disse: “A Pátria jamais os esquecerá”<sup>77</sup>, pois a pátria esqueceu, grande parte da sociedade esqueceu e as políticas sociais e o governo também esqueceram.

---

<sup>77</sup> SOARES, L. p. 344.

## FONTES

Conjunto de mais de 750 questionários sócio-econômicos enviados pela Legião Paranaense do Expedicionário no ano de 1973 aos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial residentes no Paraná.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONALUME, R. *A nossa Segunda Guerra Mundial.: os brasileiros em combate*. Rio de Janeiro, Expressão e cultura, 1995

CARVALHO, José Murilo de. *Forças armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

CASTRO, Erik.(1999), Senta A Pua. Duração: 112min

FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

\_\_\_\_ *As Guerras Mundiais e seus veteranos: uma abordagem comparativa*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 28, n. 56, 2008 .

\_\_\_\_ *A Guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)*. Londrina: EdueL, 2012

GONÇALVES, José. MAXIMIANO, César Campiani. *Irmãos de Armas: Um Pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos : o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996

LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, História e Literatura*. Rio de Janeiro. Editora Casa Rui Barbosa 2008

MAXIMIANO, César Campiani. *Onde estão nossos heróis: uma breve história dos brasileiros na 2ª guerra*. São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados brasileiros de Hitler*. Curitiba, Juruá, 2008.

\_\_\_\_ *Os Soldados Alemães de Vargas*. Curitiba, Juruá, 2008.

\_\_\_\_ *Custos humanos da desmobilização da força expedicionária brasileira (FEB): A Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e os feridos, doentes e mutilados da Segunda Guerra Mundial (1947-1956)*. Vozes, Pretérito & Devir, v. 1, 2013.

\_\_\_\_\_ Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas brasileiras: o caso de Monte Castelo

\_\_\_\_\_ *Memória, museu e história: centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário*/ organizado por Dennison de Oliveira, colaboradores Cláudio Skora Rosty, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2012

RIGONI, Carmen Lucia. *Nas trilhas da Segunda Guerra Mundial : as experiencias, as vivencias e os sentimentos do soldado brasileiro*. Curitiba : Torre de Papel, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, *História da Educação no Brasil*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

ROLLINS, Peter C. & O'CONNOR, John E. *Why we fought: America's wars in film and history*. University Press of Kentucky, 2008.

SALIBA, Elias Thome. *Raízes do Riso*. São Paulo. Editora Cia das Letras, 2002.

SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba, 1995.

TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000

WAACK, W. *As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.